

## &gt; EDITORIAL

## “Houston...we have a problem!”

Marco Jardim<sup>1</sup>

**Marco Jardim**  
Diretor da Revista Portuguesa  
de Fisioterapia no Desporto<sup>1</sup>

Esta frase foi proferida por Jim Lovell em 1970, e mais tarde celebrizada no cinema por Tom Hanks no emblemático filme *Apollo 13*, para descrever um problema identificado pela tripulação durante uma expedição à lua. Seja qual for a perspectiva preferencial do leitor, a realidade ou a ficção, achamos que o que fica para a história foram os notáveis esforços realizados por todos os seus intervenientes, ao criar e encontrar soluções, com o objetivo de resolverem o problema e regressarem à Terra, numa viagem dramática e aparentemente impossível.

Quando o tema em análise são as elevadas taxas de incidência e prevalência de lesões, parece-nos que, analogamente, esta frase sustenta a identificação de um dos maiores problemas relacionados com a prática da atividade desportiva. Curiosamente os primeiros dados epidemiológicos sobre lesões desportivas surgem no início dos anos 70 e desde então começou-se a perceber e a ser debatido o seu real impacto ao nível das populações desportivas e sociedade em geral.

Ao contrário da tripulação da *Apollo 13*, que nos quatro dias que andou à deriva na lua encontrou soluções para atingir o seu objetivo (chegar a Terra sãos e salvos), durante todos estes anos, continua-se à procura de soluções efetivas para diminuir a elevada ocorrência de lesões e minimizar as suas consequências ao nível da saúde e desempenho desportivo dos atletas, dos custos económicos suportados pelas instituições desportivas governamentais e não governamentais, pelo Sistema Nacional de Saúde e restante Sociedade. Nesta nossa já longa viagem, parece-nos que a frase mais adequada seja - “Houston...we still have a problem!”

Pensamos que grande parte deste problema, a nível nacional e não só, se deve ao não reconhecimento das lesões relacionadas com a prática desportiva, como um problema prioritário de saúde pública. Esta ideia é justificada pela total inexistência de um sistema nacional de monitorização de lesões desportivas. Face a esta ausência como podemos objetivamente saber o número de lesões relacionadas com a atividade desportiva em Portugal? Como podemos determinar qual ou quais as estratégias de prevenção mais efetivas? Como se podem implementar medidas sustentadas para minimizar o impacto sócio-económico na população portuguesa?

Neste sentido, consideramos ser fundamental a edificação de um sistema de monitorização de lesões desportivas a nível nacional, através da colaboração e participação dos principais intervenientes na área da saúde e do desporto. À imagem de modelos existentes a nível internacional, os sistemas de monitorização de lesões devem ser constituídos por uma estrutura flexível, de fácil acesso, que permita uma rápida recolha, análise e divulgação dos dados. Estes sistemas devem ainda considerar uma metodologia e uma terminologia uniformizada, pois apenas desta forma se conseguem comparar resultados entre

diferentes contextos ou modalidades desportivas. A literatura também parece ser consensual ao referir que qualquer sistema de monitorização deverá ser regularmente avaliado, no sentido de se perceber se deverá ser mantido, atualizado ou expandido. Uma vez mais fica reforçada a ideia de um sistema amplamente flexível com capacidade de evoluir de acordo com as necessidades da comunidade desportiva em geral e das constantes mudanças ao nível da saúde e do desporto.

Acreditamos que este editorial seja o primeiro passo para convergir toda a "tripulação" no sentido de se constituir um sistema de monitorização de lesões desportiva de âmbito nacional e desta forma deixarmos de estar muito mais tempo à deriva. Conscientes que "a viagem" que ainda temos pela frente poderá continuar a ser dramática, no entanto, estamos seguros que seja aparentemente possível atingirmos o objetivo.

A todos um Bom Ano!!